

El Corte Inglés

Não é de esquerda, de direita, ou do centro, como gosta de dizer, não se lembra da última vez que votou em eleições – só que votou «sim» no Referendo sobre o Aborto – e, quando se lhe pergunta se é católico, gostava de poder responder que é do Benfica. Mas, de costas voltadas com o emblema da Luz, não tem como fugir: nem sequer é religioso. Também já deixou de acreditar nos políticos e não tem dúvidas de que “a Democracia está longe de ser perfeita”.

Para que não haja equívocos: “Não acredito na política dos homens de hoje. Nem na dos de hoje, nem na dos de ontem”. Exemplos não lhe faltam. Primeiro: estado de abandono e degradação do Teatro Sá da Bandeira, vítima de um “crime de lesa-pátria cometido pelo políticos”, que “nunca levaram a sério a Cultura”. Segundo: o Parque Mayer, alvo da cobiça de “grandes interesses financeiros”, dispostos a acabar com a “catedral da Revista à Portuguesa” e construir centros comerciais, lojas e escritórios. Outros exemplos podia dar, mas não quer ser mais um a contribuir para a depressão em que mergulhou o País. A agulha vira para a paixão. Pelo que sempre quis fazer: teatro. Dramático, cómico, experimental, musical, ou revista. Com uma veia cômica que o ajudou a ser considerado o melhor actor da sua geração, tem “uma frustração incrível” por “ninguém achar piada às anedotas” que, não raras vezes, lhe pedem para contar na rua. “É uma decepção”, confirma. Rendido ao talento dos actores do Norte, “viveria muito bem no Porto”, caso o eixo dos seus interesses familiares e profissionais não passasse pela capital, ou não tivesse, por exemplo, acabado de aceitar ser director artístico de um novo teatro em Lisboa: o «José Viana». É verdade: chama-se José Raposo. E faz o papel da sua vida em «Um Violino no Telhado», no Teatro Rivoli.

ACTOR JOSÉ RAPOSO E A POLÍTICA CULTURAL

Portugal é um país terceiro-mundista

Por Jorge Carvalho

O leiteiro Tevye em «Um Violino no Telhado» é mesmo, como diz Filipe La Féria, o papel da sua vida?

Até hoje, é seguramente o papel com mais protagonismo que representei em teatro. Mas já fiz outros papéis que me deram tanto prazer como o leiteiro Tevye. Por exemplo, ‘O Último dos Maralvas’, uma novela de Neil Simon, em que também tinha o papel principal. Mais recentemente, fiz ‘O Clube das Divorciadas’, uma comédia que viajou por todo o País, feita por três actores, em que eu era o protagonista. Também já tinha sido protagonista de ‘Pensão Estrela’, ou ‘Bons Vizinhos’. E já fui ainda primeira figura na Revista à Portuguesa. Não é, portanto, a primeira vez que tenho o papel principal, mas é, indiscutivelmente, um dos papéis mais desejados de todos os clássicos do teatro musical.

Aceitou de olhos fechados?

Acho que aceitei o convite quando fiz ‘A Rainha do Ferro Velho’, com o João Baião e a Maria João Abreu. Na altura, o Fili-

pe La Féria disse-me que queria fazer ‘Um Violino no Telhado’ e, quando decidi mesmo avançar com o espectáculo, fiquei felicíssimo da vida. A única coisa que eu não sabia era que a estreia seria no Porto. Por um lado, fiquei contente, porque gosto muito do Porto. Tenho uma relação fantástica com o público do Norte. E não sou só eu. A maioria dos actores também pensa assim. O público do Norte acarinha de uma forma mais espontânea os actores.

Mas por outro...

Por outro lado, do ponto de vista da minha vida pessoal, pago uma factura elevada. Não é fácil ir a Lisboa e vir quase todos os dias. Estou realmente muito cansado. Mas posso garantir uma coisa: o Porto é uma cidade em que eu viveria muito bem. Adoro a cidade. E as pessoas. São abertas, expansivas, dizem o que têm a dizer e são espontâneas. Na rua, gostam de abordar os actores, apalpá-los, como se fossem da família.

Não o incomodam?

Não. Nunca incomodam. São ossos do ofício. Os actores não trabalham para o público? Se o público, na rua, vem ter com um actor, é porque gosta do trabalho que ele está a fazer. Haverá melhor coisa para um actor do que

agradar ao público? Acho que não. Sei que há actores que não gostam muito de ser incomodados na rua, mas estavam à espera do quê?! Deviam era dar-se por contentes porque o público gosta do que estão a fazer. É bom sinal. Eu fico todo contente quando alguém vem ter comigo. Bem pior seria passar despercebido. Agora, em Portugal, um actor tem de aceitar vários projectos ao mesmo tempo. Porque há alturas em que não aparece nenhum.

Mesmo para os actores de primeiro plano?

Todos os actores estão sujeitos a passar por fases complicadas. Pessoalmente, estou numa fase da minha vida em que não posso dar-me ao luxo de recusar papéis, como já fiz, porque tenho despesas e responsabilidades assumidas. Mas, no início da carreira, também ia a todas. E porquê? Porque não havia muitas oportunidades. E as que havia não eram muito bem pagas. Aliás, quase nunca o são em Portugal. Tenho prazer no que faço na televisão e no teatro, mas, se, neste momento, pudesse viver apenas do teatro, não tenho dúvidas de que o faria.

E não é possível viver apenas do teatro em Portugal?

É muito difícil. Aliás, sei de colegas que estão a passar por grandes dificuldades em termos de sobrevivência. Não se ganha dinheiro com o teatro.

A crise é do teatro, ou do País?

É do País. Mas, do meu ponto de vista, a Cultura ressentese mais do que outras áreas. Em Portugal, a Cultura nunca



foi levada a sério. E o teatro, que é a base da arte de representar, também se ressentiu. O que é inadmissível, porque, noutros países europeus, o teatro é visto de outra forma. Na Europa, o teatro é fundamental e a base de qualquer cultura. Em Portugal, não. Ainda nenhum político me convenceu quanto a ter dado realmente importância à Cultura de uma maneira geral.

Nem os ministros da Cultura?
Nem os ministros da Cultura.

Alguma vez lhe passou pela cabeça emigrar?

Passou. Mas não propriamente como actor. Pensei em emigrar por força do que se passa em Portugal. Acima de tudo, pela falta de reconhecimento do trabalho dos actores. Cansei-me de algumas pessoas. E, por algumas ocasiões, só quis mesmo ir para outro país. Para Angola, por exemplo. Nunca cheguei a fazer as malas, mas pensei várias vezes em ir-me embora.

O que o manteve preso a Portugal?

Os meus filhos são muito importantes para mim. E, quer queira, quer não, tenho as minhas raízes em Portugal. Todo o português que se preza gosta do seu País. Porque o País também tem coisas boas. A minha teoria é a de que os políticos se servem de nós, porque sabem que os portugueses gostam do seu País e acabam por se render ao que ele tem de bom.

Televisão é principal meio de subsistência dos actores

Os actores de teatro tendem, portanto, a fugir cada vez mais para a televisão?

Neste momento, a ficção nacional para televisão é o principal meio de subsistência dos actores.

Gosta tanto de televisão como de teatro?

Não. Ou melhor: não gosto da televisão que se faz hoje em dia. E não sou daqueles actores que só vê teatro à frente. Estou à vontade porque já fiz de tudo: teatro, televisão, cinema e mesmo dobragens.

Como «O Panda do Kung Fu»?

Fiz a personagem do mestre Shifu, que, no original, é dobrado pelo Dustin Hoffman. Em Portu-

Fizeram passar a mensagem de que a revista era um espectáculo menor, mas das duas, uma: ou eu sou muito estúpido, ou está tudo doido. Porque a revista é um espectáculo fabuloso

gal, como nos EUA, o filme foi feito por um bom naipe de actores, como Joaquim de Almeida, Marco Horácio, Octávio Matos, ou Fernanda Serrano. É uma coisa que me dá gozo fazer. Pena não ter muito tempo. Mas já houve épocas em que fazia dobragens todas as manhãs. À noite, tinha teatro e, de manhã, dobragens. Não é de hoje que ando a correr de um lado para o outro. A vida de actor, contrariamente ao que a maioria das pessoas pensa, porque, em Portugal, ninguém é informado de nada, é muito complicada. Como um actor não ganha o suficiente para fazer só uma coisa, é obrigado a tocar vários instrumentos. É uma vida muito desgastante. Há períodos em que quase não se dorme. Como, por exemplo, aquele por que estou a passar, porque trabalho de manhã, à tarde e à noite.

A versatilidade faz mesmo de si o melhor actor da sua geração?

Devem ser os outros a pronunciar-se em relação às minhas qualidades. Mas sempre mostrei ao longo da minha ainda curta carreira de actor que posso fazer vários géneros de teatro. Aliás, acho que os actores devem experimentar todos os géneros de teatro: dramático, cómico, experimental, musical e revista.

Já fez todos?

Acho que sim.

Mesmo teatro experimental?

Já fiz, pelo menos, uma peça, do Manuel de Lima, um surrealista português, encenada por José Carreiras, um grande encenador que também está no Porto. Fiz 'Malaquias ou a história de um homem barbaramente agredido'. Era um tipo de teatro a que não estava habituado e adorei fazer. Isto para dizer que um actor deve fazer de tudo. Por exemplo, ainda há quem se surpreenda em 'Um Violino no Telhado' pelo facto de eu cantar. Mas eu sempre cantei. Agora, não sou cantor – sou um actor que tem ouvido. Como respeito os cantores, não tenho a veleidade de dizer que canto. Sou apenas um actor que canta



TEATRO JOSÉ VIANA

É um milagre

Vai mesmo avançar com o projecto de um novo teatro em Lisboa?

Vou.

De raiz?

Não. O espaço chegou a ser um cinema, que se chamava Cine Turim, situado no Centro Comercial Turim, em Benfica. O dono, Afonso Moreira, um verdadeiro mecenas, porque é um milagre haver alguém disposto a fazer um teatro – em Portugal, é bem mais vulgar deitarem-se abaixo teatros –, queria fazer um teatro, porque já estava cansado do cinema, e falou a um cliente e amigo, Raul Ferraz, um técnico especializado em luz e som, com que tinha contactos comerciais, para o ajudar. Raul Ferraz falou-lhe em mim e acabámos por fazer uma sociedade, em que eu sou o director artístico, Raul Ferraz o director técnico e o dono do cinema e as duas filhas os sócios-gerentes.

De quem foi a ideia de dar o nome José Viana ao teatro?

Foi minha. É uma maneira de homenagear um actor que foi muito importante para o teatro em Portugal. Além de encenador e actor, foi também autor, cenógrafo e figurinista. E pintor. Era um homem, como, por exemplo, Filipe La Féria, que mexia uma série de cordelinhos na área do teatro. E nunca foi, como tantos outros, devidamente homenageado.

porque, pura e simplesmente, tem ouvido. Sempre cantei na revista. Só que os 'media', os políticos e a classe artística sempre denegriam a Revista à Portuguesa depois do 25 de Abril, conotando-a com o Estado Novo e com o ambiente que se vivia no Antigo Regime, quando a revista fazia todo sentido, por causa das mensagens políticas. Fizeram passar a mensagem de que a revista era um espectáculo menor, mas das duas, uma: ou eu sou muito estúpido, ou está tudo doido. Porque a revista é um espectáculo fabuloso. Portugal deve ser o único país do Mundo a renegar as tradições e o que

tem só seu. A Revista à Portuguesa é um espectáculo com características genuinamente portuguesas. Não há em mais lado nenhum.

Está condenada?

Penso que não, porque ainda vai havendo grupos amadores que fazem Revista à Portuguesa. E porquê? Porque a revista tem público. Julgo que a tradição não se perderá. Em termos profissionais, felizmente há um homem na catedral da Revista à Portuguesa, que é Lisboa e o Parque Mayer, chamado Hélder Freire Costa, a quem tiro o chapéu, que tem mantido no Teatro Maria Vitória

Em que fase está o projecto?

Neste momento, o futuro teatro está em obras. Estão a ser feitos os camarins e o subpalco. Ainda é um investimento avultado. E um acto de grande coragem por parte do senhor Afonso Moreira.

Também arrisca muito?

Para mim, é uma loucura. Mas é por amor que o faço. Aliás, só aceitaria um projecto assim por paixão. Fazer um teatro é um sonho para qualquer actor. Estar envolvido no projecto do novo teatro, fazer a novela e 'Um Violino no Telhado' no Porto é muita coisa ao mesmo tempo. Mais tarde, ou mais cedo, vou ter de amainar, porque não posso estar envolvido em tanta coisa ao mesmo tempo.

Quando vai ser inaugurado?

Ainda não há uma data definida, mas tudo aponta para que seja em Outubro.

Como vai ser a programação?

Está-se a pensar fazer uma programação intensa. De manhã e à tarde, com peças infantis e juvenis, para, por exemplo, alunos de escolas, que não têm oportunidade de representar em teatros, e, à noite, com uma peça para o grande público.

Também vai participar nas peças?

Claro que vou.

a revista viva. É, aliás, o único sítio onde se faz revista de uma forma profissional em Portugal. É a prova de que a revista não morreu. A Marina Mota acabou de ser associar a Hélder Freire Costa, a quem já estive ligado...

...Também já abandonou a causa?

Tristemente o digo: desisti.

Sá da Bandeira é um crime de lesa-pátria

Não volta a fazer revista?

Tenho a certeza absoluta de que voltarei a fazer revista, mas vejo as pessoas a dizerem cada vez

Não sabia que havia tanto material humano com tanta qualidade no Porto. Fiquei rendido. O Filipe La Féria não exagerou em nada. E depois há uma outra coisa boa no Rivoli: o ambiente. É uma coisa fantástica (...) Às vezes, dou por mim a pensar que pena a peça ir apenas até Dezembro

Audiência

ENTREVISTA

mais mal da Revista à Portuguesa. O que me deixa profundamente triste. Mesmo os novos humoristas, alguns dos quais cheios de talento, que admiro, deitam abaixo a revista. Por desconhecimento. Não fazem ideia do que é a revista.

Orgulha-se de ter feito revista?

Orgulho. Para mim, a revista é um dos melhores espectáculos do Mundo. Apreciado pelo público português e estrangeiro. Quantas vezes no 'Maria Vitória' não fomos confrontados com estrangeiros rendidos ao que tinham acabado de ver. Ficavam maravilhados e não percebiam por que razão a revista não era divulgada. De facto, os estrangeiros não conhecem a Revista à Portuguesa. Logicamente, há diferenças para os musicais da Broadway, ou do West End, porque, em termos técnicos, o dinheiro faz a diferença. Aliás, em Portugal, apenas o Filipe La Féria não fica atrás do que se faz no estrangeiro. Mas, mesmo assim, acho que se fazem milagres no Teatro Maria Vitória. Mais não é possível. Os políticos falham de uma forma inaceitável. Dão subsídios a quem devem dar, nomeadamente a grupos independentes, que não têm meios de subsistência – e, do meu ponto de vista, bem –, mas o teatro comercial, como o do Filipe La Féria, ou o do Hélder Costa, fica de fora. O teatro comercial vive da bilheteira e não tem subsídios directos, mas devia ter algum apoio logístico, que é o que se faz em todo o Mundo. Ou seja, deviam ser dadas condições para um produtor apostar/investir num espectáculo. O mais flagrante exemplo está no Porto. É criminoso um espaço público como o Teatro Sá da Bandeira estar nas condições em que está. E de quem é a culpa? Dos políticos. Porque é

um crime de lesa-pátria haver uma cidade como o Porto que tem um teatro como o 'Sá da Bandeira', degradado e abandonado. Não acredito que isto aconteça noutra país europeu. Do ponto de vista cultural, Portugal é verdadeiramente um país terceiro-mundista. Diga-se o que se disser, não há perdão para o estado em que está o 'Sá da Bandeira'. Já sei que se vai dizer que o espaço é particular e que o Estado não pode fazer nada. Mas, se houvesse vontade política, as coisas seriam diferentes. Tudo se faz em Portugal quando os políticos querem. Se não querem, é porque têm outros interesses. E também porque os portugueses são mesquinhos na maneira de pensar. Infelizmente, os políticos também são portugueses. Para mim, o Teatro Sá da Bandeira tem uma mística especial. É o Parque Mayer do Porto. E é uma pena estar completamente abandonado.

Sente-se melhor no teatro ligeiro, como os musicais, ou no teatro clássico?

Tenho feito mais teatro ligeiro, mas gosto de experimentar tudo. Fiz muitos anos revista, mais do que qualquer outro género, por estar envolvido numa causa. Fiz revista para tentar provar que não é um espectáculo mau. Por exemplo, fazia todo o sentido se houvesse um Teatro Nacional de Revista à Portuguesa em Portugal. O Estado tinha obrigação de apoiar a revista. Nada que o Estado espanhol não faça com a 'zarzuela'. Em Portugal, não só não se apoia, como ainda se denigre a revista, que é um espectáculo tão português como a 'zarzuela' em Espanha. Como dá jeito, associa-se sempre o Parque Mayer à revista. Obviamente, há uma ligação histórica, mas a associação tem apenas



Hoje em dia, para mim, o Benfica é mais um. Estive muitos jogos no terceiro anel do Estádio da Luz a vibrar com os jogadores que vinham do Barreirense, do Leixões, das camadas jovens, ou das ex-colónias para agora sofrer por jogadores a quem o Benfica nada diz

um objectivo, que é escamotear o interesse financeiro em torno do Parque Mayer. Mas o Parque Mayer não é só revista. Aliás, o Parque Mayer tem quatro teatros. Físicos. Não existem apenas na minha cabeça. E a quem cabe a responsabilidade de recuperar e preservar os espaços públicos? Não é ao Estado? E quem representa o Estado? Uma vez mais,

se houvesse interesse político, já estava tudo feito. Mas o interesse vai noutra sentido: no da construção de espaços comerciais. Ainda tenho a esperança de que o Parque Mayer não esteja condenado a ser um espaço de centros comerciais, lojas e escritórios. Seria outro crime cometido em Portugal em termos culturais.

É verdade que era tímido quando jovem?

É. Os actores, de uma maneira geral, são tímidos. Há excepções, como, por exemplo, o Fernando Mendes, que é à mesa o que é em palco. Mas estou convencido de que a maioria dos actores é tímida. O palco apenas dá aos actores a oportunidade de revelar a sua parte histriónica.

Nunca mais voltou a Angola?

Não. Ainda não voltei por vicissitudes da vida, como os filhos, por exemplo. E a profissão. Mas quero voltar. Aliás, para o ano, se tudo correr bem, vou voltar. Faça questão de mostrar Angola aos meus filhos.

E também fez questão que quer um, quer outro sejam actores? Nunca os pressionei num sentido ou noutra, mas confesso que estou feliz por quererem ser actores.

Não os desaconselha?

Também não. Vou mesmo dar-lhes todos os conselhos que puder.

Ficou surpreendido com a opção dos dois de seguirem os passos dos pais?

Para ser sincero, fiquei. O meu filho mais velho, por exemplo, sempre foi muito desligado. Quando fez o 12.º Ano, decidiu ir ao Conservatório, fez provas e entrou. Eu e a mãe ficámos espantados com o talento que tem. Foi, aliás, um talento escondido 20 anos. Nunca me tinha apercebido. Já o mais novo sempre gostou de teatro. Entrou mesmo em alguns espectáculos. Era engraçado e hoje, com 15 anos, tem um sentido de humor fantástico. Já está no Chapitô, que tem uma escola com características próprias, nomeadamente actividades circenses.

MÍSTICA

Perdi a paixão pelo Benfica

Ainda está de costas voltadas para o Benfica? Estou. Enquanto o Benfica não voltar a ter a mística que teve, o que dificilmente vai acontecer, com jogadores feitos nas camadas jovens, ou portugueses, não volto a sofrer. Hoje em dia, para mim, o Benfica é mais um. Custa dizê-lo e tenho amigos que ficam mesmo ofendidos comigo, mas é a verdade. Estive muitos jogos no terceiro anel do Estádio da Luz a vibrar com os jogadores que vinham do Barreirense, do Leixões, das camadas jovens, ou das ex-colónias para agora sofrer por jogadores a quem o Benfica nada diz. No fundo, o Benfica deixou de fazer aquilo que o FC Porto está a fazer. Quando começou a comprar estrangeiros, a mística acabou.

Perdeu a paixão?

Perdi. No dia em que houver um presidente que volte a impor certas regras, como, por exemplo, a existência de apenas jogadores portugueses no plantel, volto ao Benfica. Parece utópico, mas não acho que seja impossível. Já sei que hoje o que manda é o

dinheiro. E qual é o problema? O Benfica forma os jogadores, os grandes clubes vêm buscá-los e volta a apostar-se em novos talentos. O Sporting é o paradigma daquilo que estou a dizer. Não se importa nada que venham buscar os seus jogadores – vai à academia e aposta noutros. De um momento para o outro, deixou de nascer quem tenha jeito para o futebol em Portugal?

Também não vê com bons olhos jogadores não portugueses na Selecção Nacional?

Claro que não vejo. É outros dos aspectos negativos da globalização, que é contrária à identidade de qualquer cultura. Eu, pelo menos, não consigo estar ao lado de alguém com quem não me identifico. Se a Selecção Nacional não tiver um jogador português, por que carga de água hei-de torcer pela Selecção Nacional? Não me diz nada. Tem de haver laços de empatia entre a Selecção e o povo. Os costumes, as tradições e a identidade têm de existir. Outra questão é a política e a religião. De facto, o homem é um animal muito estúpido.



Ainda tem família em Angola?
Não.

Sempre quis ser actor, ou tropeçou num palco?...

Sempre tive uma veia cômica acentuada e gostava, quando era novo, de fazer imitações com os amigos.

Mas não gosta de contar anedotas.

Não. Ou melhor: não tenho jeito nenhum. Ninguém acha piada quando conto uma anedota. É uma frustração incrível. Quando, por exemplo, me pedem na rua para contar uma anedota, é uma decepção. Não que eu não a conte, mas ninguém acha piada.

Nunca se arrependeu de ter finto a profissão de bancário que lhe estava destinada?

Não. Nem um bocadinho.

Vou representar até morrer

Quem é, afinal, o melhor actor português?

Não consigo dizer quem é o melhor actor. Mesmo referências, tenho alguma dificuldade em enumerá-las, porque se corre sempre o risco de esquecer alguém.

Mas tem-nas?

Tenho. Todos têm. Mesmo correndo o risco de esquecer alguém — perdoem-me, mas não é por querer —, as minhas são Nicolau Breyner, Raul Solnado, Henrique Santana, Francisco Nicholson, Octávio de Matos, Rita Ribeiro, Maria José, Canto e Castro, Armando Cortez, Marie-ma, Maria Helena Matos, Filipe La Féria, Lurdes Norberto, Manuela Maria, Carlos Gonçalves, Norberto Barroca, entre outros. Foram pessoas ligadas, de uma maneira ou de outra, à minha carreira e que tiveram um papel fundamental no meu crescimento como actor. O que eu não consigo de todo dizer é quem é o melhor actor. O máximo que consigo fazer é apontar aquele que foi decisivo no caminho que acabei por seguir.

E quem foi?

O Francisco Nicholson. O que teria sido se, quando fui ao Teatro Adóque, não tivesse sido seleccionado? Provavelmente, hoje ainda seria bancário. O Francisco Nicholson é alguém inesquecível para mim, porque me descobriu e me ajudou. É um homem fantástico do teatro, em relação ao qual não se fala como devia. No teatro, como em tudo na vida, também é preciso sorte. Eu tive-a. E, modéstia à parte, também tenho algum talento. Sem talento, não há sorte que nos valha. No meio do teatro, diz-se que um actor precisa de 90 por cento de trabalho e 10 por cento de talento. Eu não penso assim. Para mim, o talento é uma coisa inata. Se assim não fosse, éramos todos artistas. Também não é futebo-

À MARGEM

Deixei de acreditar nos políticos

É católico?

Não. Costumava dizer que era do Benfica, mas já nem isso posso dizer. Não sou católico, nem outra coisa qualquer. Pura e simplesmente, não sou religioso. Respeito os que são, mas eu não o sou.

Gosta de touradas?

Não gosto, nem desgosto. Não sou um aficionado, porque não me habituei a vê-lo. Mas não nego que já vi touradas, principalmente na televisão. Aquilo de que mais gosto nas touradas são as pegas. É o homem contra o animal. O toureiro a cavalo é um espectáculo que também tem a sua beleza, por força do ambiente que se vive na praça de touros, mas a violência sobre o touro não é uma coisa agradável, bela. Agora, há uma grande hipocrisia por parte de todos. Fazem-se coisas bem mais graves aos animais fora das praças de touros e não vejo ninguém preocupado. E também se fazem coisas chocantes às pessoas e ninguém toma medidas, nomeadamente a violência doméstica, ou a pedofilia. É uma grande hipocrisia pôr o enfoque da violência apenas no interior de uma praça de touros.

É de esquerda ou de direita?

Neste momento, não sou de esquerda, de direita, ou do centro. Aliás, neste momento, nem sequer voto.

É apolítico?

Fiquei apolítico.

Porquê?

Porque deixei de acreditar nos políticos. Tenho alguns amigos políticos, mas, de um modo geral, deixei de acreditar neles.

Quando foi a última vez que votou?

Sinceramente, não me lembro.

Não votou no Referendo sobre o Aborto?

Votei.

Votou «sim» ou «não»?

Votei 'sim'. Claramente. Não sou um radical em relação à política. Só acho que, na política, há cada vez mais hipocrisia. E grandes interesses, que acabam por se sobrepor às ideologias. Todos os partidos que se formaram depois do 25 Abril tomam hoje decisões que não têm nada a ver com os seus princípios ideológicos.

Mesmo o Partido Comunista?

Não quero fulanizar, mas acho que, hoje em dia, todos os partidos têm profundas incoerências do ponto de vista ideológico. E, quando estão no poder, ainda pior é. A Democracia está longe de ser perfeita. Ou não existe corrupção, falcaturas, mentiras e subornos? Em Portugal, por exemplo, o fosso entre ricos e pobres é cada vez maior. Sinceramente, não acredito na política dos homens de hoje. Nem na dos de hoje, nem na dos de ontem.

A política nunca o tentou?

Nunca. Tenho sido apenas convidado para dar a cara por um ou outro político. Mas nunca apoiei ninguém publicamente. Nem vou apoiar.

lista quem quer. Se não tiver talento, um futebolista pode ser jogador de futebol, mas nunca será um grande jogador de futebol. Caso contrário, também eu podia ter sido um grande jogador, se bem que não jogasse nada mal.

Jogou futebol?

Joguei.

Onde?

Joguei no Amora. Até aos juniores. Era o chamado quarto defesa.

E desistiu?

Teve que ser.

Porquê?

Por causa do teatro. Tinha 18 anos, fui fazer o 'casting' ao Teatro Adóque e tive de optar, porque os horários eram completamente incompatíveis. Gosto muito de

futebol, mas gosto ainda mais do teatro.

Como se vê a acabar a carreira de actor?

Qualquer actor responderia que quer morrer no palco. Eu vou representar até morrer.



ACTORES

Fiquei rendido

A qualidade apregoada por Filipe La Féria em relação aos actores do Porto não está mesmo empolada?

Para mim, foi uma surpresa. Mas pela positiva. Estão no Rivoli cinco actores de Lisboa — eu, a Rita Ribeiro, o Joel Branco, a Helena Rocha e o Hugo Rendas —, dois bailarinos da Marinha Grande, um bailarino brasileiro e quatro russos e tudo o resto são pessoas do Norte. É gente formada, nomeadamente no estrangeiro, e com uma vocação natural para cantar, dançar e representar. Sinceramente, não sabia que havia

tanto material humano com tanta qualidade no Porto. Fiquei rendido. O Filipe La Féria não exagerou em nada. E depois há uma outra coisa boa no Rivoli: o ambiente. É uma coisa fantástica. É gente mesmo muito boa. Em termos humanos e artísticos. Palavra de honra. Às vezes, dou por mim a pensar que pena a peça ir apenas até Dezembro. O Alexandre Falcão e o José Pinto, por exemplo, são dois grandes actores do Norte, que já os conhecia há muito tempo e de quem sou amigo. Além de serem duas pessoas fantásticas, são dois grandes actores.